

DOS BANDIDOS E SUA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL: UM ENSAIO TRANSCULTURAL.

Billy Jaynes Chandler (*)

O banditismo parece ser um fenômeno universal. Tentativas de se tomar para si o que pertence a outrem têm sido um dos principais males na história. O significado desta atividade é visto de formas diferentes. Para muitos, é apenas outro sintoma de simples perversidade humana e nada mais, enquanto que para outros — incluindo muitos cientistas sociais, intelectuais e outros ideólogos — a sua significação vai desde o protesto político e lutas até à distribuição mais equitativa da riqueza. Tal controvérsia tende a continuar, já que provavelmente tão cedo não entenderemos este assunto mais do que compreendemos tantos outros traços profundamente enraizados da condição humana. Apesar disso, uma discussão do problema não parece infrutífera, pois nela encontrar-se-ão muitas revelações das nossas atitudes básicas com relação ao homem e sua sociedade. Devemos reconhecer que tais atitudes geralmente têm conseqüências práticas. O que pensamos sobre criminosos determina, em grande parte, o que fazemos com eles, e este é um assunto eminentemente prático.

Este trabalho limita-se a um tipo especial de crimes em lugares especiais. O tipo de crime é o do tradicional cangaço rural, que, a pé ou a cavalo (ou até mesmo em automóveis, em tempos mais recentes), sozinho ou com os seus com-

(*) O autor é Professor de História na Universidade do Texas A & I, situada na cidade de Kingsville, Texas, Estados Unidos. Esta é uma revisão do trabalho apresentado no Simpósio de Ciências Sociais, na Universidade de Victoria, no dia 23 de fevereiro de 1980.

parsas, rouba, saqueia, pilha, seqüestra e mata, geralmente limitando suas atividades a fazendas, ranchos e cidades do interior. Tal tipo de banditismo difere pouco em motivação básica de outros tipos — daqueles praticados em áreas urbanas, por exemplo — mas, já que foi uma das formas mais notórias de criminalidade no passado, oferece ao historiador social uma unidade útil de estudo. Para ilustrar a nossa discussão e dar-lhe um enfoque mais amplo, nos apoiaremos em três países de três continentes: os Estados Unidos, a Itália e o Brasil. As escolhas não foram feitas aleatoriamente, pois esses três países destacam-se proeminentemente entre as nações do mundo ocidental como sendo os que tiveram a maior ocorrência em episódios constantes de banditismo rural.

Há uma quantidade considerável de informações nesses três países sobre o banditismo, e a maior parte destas informações, independentemente da língua em que foram escritas, tem características semelhantes. A ênfase, mais frequentemente, tem sido colocada mais, em contar estórias (frequentemente com muito pouca atenção à sua credibilidade histórica) do que em fazer tentativas sérias de enquadrar os bandidos dentro do contexto geral das suas sociedades e observá-los realisticamente.

Esta literatura popular pode divertir as massas mas pode também levar a graves distorções quanto às nossas concepções sobre o passado. Felizmente, aumentou o número de estudiosos interessados nessa área de estudo, nos últimos anos, com resultados que geralmente têm sido salutares, mas, às vezes (deve-se acrescentar), duvidosos. As incursões de um eminente historiador europeu neste campo recaem, penso, nesta última categoria.

Eric Hobsbawm, historiador social britânico de renome mundial, publicou dois livros, nos anos 50 e 60, nos quais procurou reinterpretar o tradicional banditismo rural. (1) Já que os seus trabalhos têm atraído muita atenção e recebido considerável aceitação, parece-me útil sumarizar as suas idéias e empregá-las como pontos de partida para a nossa discussão.

Hobsbawm está principalmente interessado naqueles bandidos rurais que chamamos de "bandidos sociais". Estes são

01. **Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries** (Nova York, 1965), especialmente pp. 13-29. (Primeiramente publicado em 1959). **Bandits** (Nova York, 1971), primeiramente publicado em 1969.

diferentes dos criminosos comuns no sentido de que permanecem como parte da sociedade camponesa da qual provieram e são admirados pelos membros daquela sociedade. A admiração pode surgir porque eles são vistos como lutadores por justiça social, ou porque procuram vingar os agravos feitos contra eles ou suas famílias, ou talvez devido aos seus desafios violentos às autoridades legalmente constituídas de que os camponeses desgostam. De qualquer modo, os bandidos não devem saquear os camponeses; os seus crimes devem ser praticados contra outros. Não devem também ser culpados por excessivo derramamento de sangue. Obviamente, o tipo ideal de Hobsbawm é um Robin Hood, o lendário e talvez mitológico ladrão nobre da Inglaterra medieval.

Na vida real, Hobsbawm tem muita dificuldade de encontrar Robin Hood para ilustrar o seu argumento. De fato, ele encontra poucos (e mesmo estes poucos são de confiabilidade histórica questionável) que possam se aproximar razoavelmente do seu modelo. A busca é importante, pois, se o conceito do bandido social é válido, estes bandidos devem ser encontrados em números significativos. Do contrário, não pode ser afirmado que o conceito tenha validade, que represente um padrão significativo do comportamento humano. Fracassando em encontrar um suprimento adequado de bandidos, Hobsbawm recorre a espargir as suas discussões sobre bandidos sociais, com ladrões ignóbeis de matizes variados, geralmente se aproximando bastante dos tipos mais horrendos, mas às vezes, aparentemente por ignorância, incluindo até alguns dessa categoria. (2)

Hobsbawm, saindo-se de uma situação difícil, vira a mesa sobre os seus críticos e afirma que o que os bandidos foram na vida real não é de importância capital; o que é importante é o que o povo pensava sobre eles. Aqui ele atribui um profundo significado à tendência das pessoas não somente de se lembrarem de bandidos notórios muito tempo depois de mortos, mas especialmente em exagerar os seus feitos, inventar histórias pitorescas sobre eles e, às vezes, atribuir-lhes

02. Hobsbaw, por exemplo, inclui o bandido brasileiro Ângelo Roque (Lambarda) em seu capítulo sobre os nobres ladrões. De fato, Roque foi um assassino sanguinário diferente, que possuía poucas, se é que as possuía, características nobres. Entretanto, não é do meu conhecimento, nem do de ninguém que eu saiba, que ele possuísse essas características, além da opinião de Hobsbawm. Ver Hobsbawm: **Bandits**, p. 36; Billy Jaynes Chandler: **The Bandit King: Lampião of Brazil** (College Station, Texas, 1978), pp. 232; 242.

qualidades admiráveis que eles nunca possuíram. Tal tendência a idealizar os bandidos, argumenta Hobsbawm, representa a rejeição inconsciente dos camponeses com relação à autoridade injusta contra a qual os bandidos lutaram. As histórias eram, em suma, um tipo de impulso revolucionário ainda não realizado.

Semelhantemente, Hobsbawm rotula os próprios bandidos de prematuros libertadores, sempre a ponto de transformar-se conquanto quase nunca o conseguindo, de simples bandidos em líderes revolucionários. Dessa forma eram eles criminosos, não devido à mera perversidade que lhes é inerente; o que de fato estavam fazendo era se engajar numa justificada, apesar de inconsciente, rebelião contra uma sociedade má.

Estas opiniões são, naturalmente, muito especulativas e repousam naquele âmbito onde as mentes criteriosas devem avançar com cuidado. Mas estou razoavelmente certo de que há outros tipos de hipóteses que alcançam mais sentido do que chamar bandidos de "rebeldes políticos prematuros" e atribuir à popularidade de histórias sobre eles uma rejeição inconsciente das pessoas para com a sua sociedade. Não somente carecem estas idéias de um conteúdo de realidade, como também distorcem grosseiramente a linguagem, dando significados injustos a palavras que, ao contrário, são racionais.

Em suma, não consigo encontrar substância nas tentativas de Hobsbawm em ligar bandidos e histórias sobre eles a protestos revolucionários. Mas acho que compreendo porque ele esforçou-se nesse sentido. Tem havido uma tendência durante muitos anos, entre ocidentais de persuasão esquerdista radical, a tornarem-se desiludidos com os trabalhadores industriais urbanos de Marx, como veículo de revolução. Esta tendência resultou de um conservadorismo nascente entre os trabalhadores das nações industriais, ao mesmo tempo em que os seus padrões de vida aumentaram e o fascínio pela Revolução Russa diminuiu, sob o impacto de freqüentes fracassos e implacável totalitarismo. Além disso, houve o fato de as revoluções comunistas terem mais freqüentemente triunfado em sociedades não industrializadas como a Rússia, a China, Cuba e a Indochina. Foi a partir dessas circunstâncias, supõe-se, que alguns pensadores esquerdistas iniciaram uma busca mais ampla em direção ao impulso revolucionário. Hobsbawm, por sua vez, encontrou os bandidos. Deturpando a linguagem e atribuindo motivação inconsciente aos seus malfetores, bem como ao povo rústico que se deleitava com histórias e lendas sobre eles, Hobsbawm

afirmou ter descoberto novos quadros de revolucionários. A tentativa foi tão provocativa que conseguiu um bom número de seguidores, mas adicionou pouco crédito ao seu autor, penso eu, seja como um artífice da história ou como um pensador cuidadoso.

* * *

Se episódios significantes sobre o banditismo geralmente não surgem de protestos revolucionários inconscientes, então de onde é que vêm? A resposta comum, a preferida dos cientistas sociais, menciona vários fatores sócio-políticos e, com maior freqüência, centra-se na pobreza, assunto que discutiremos mais tarde. Mas uma das falhas dos cientistas sociais prende-se à sua predileção pela aplicabilidade universal de explicações, tanto assim que, de fato, geralmente falham em dar a devida consideração à variedade que existe a fim de produzir a uniformidade que procuram. Por criminosos compreendem-se indivíduos dentre os quais nem sequer dois são aparentemente iguais. As respostas, portanto, sobre o que causa o crime podem ser mais variadas do que a maioria dos cientistas sociais prontamente admitem. Um estudo de indivíduos criminosos, de qualquer forma, sugere esta conclusão.

Para dar a este trabalho uma forma mais concreta, gostaria de sumarizar brevemente as carreiras criminosas de três indivíduos, que viveram em áreas conhecidas pela alta incidência de crimes. Os três são também citados por Hobsbawm para ilustrar as suas idéias sobre o banditismo.

Nas estórias e na lenda, o bandido brasileiro conhecido como Lampião (1898-1938) caiu no crime porque a polícia assassinou seu pai. Na realidade, a estória é muito mais complicada. É verdade que ele cresceu nos sertões de Pernambuco durante uma época em que tornar-se bandido era muito fácil. A lei, até o ponto em que existia de fato, geralmente servia aos seguidores da facção política no poder, e a justiça era freqüentemente administrada de forma semelhante. Além disso, a estrutura social quase feudal do passado, na qual grandes donos de terras dominavam e protegiam os seus camponeses, estava se desintegrando, condição esta resultante da fragmentação das propriedades.

Em suma, os controles sociais tradicionais, baseados no poder privado, tinham sido seriamente enfraquecidos enquanto que, ao mesmo tempo, os controles públicos do poder estatal não haviam crescido suficientemente para preencher o vazio resultante.

Se alguém tivesse proteção, tinha-a por conta própria, e, semelhantemente, se um castigo fosse imposto a alguém era praticado também por conta própria, como um ato de vingança particular. O resultado era uma espécie de selva na qual cada um era por si. Os grandes donos de terras, com freqüência cada vez maior, empregavam jovens valentes com seus protetores e mandatários, e não custou muito para que alguns desses jovens começassem a operar por conta própria, geralmente em pequenos bandos. Dessa forma, o período de quarenta anos de banditismo conhecido como cangaço teve o seu começo em 1900.

Lampião cresceu no meio de tudo isso, e primeiramente empunhou armas com a idade de 18 anos, quando, juntamente com seus irmãos, entrou numa disputa com um fazendeiro vizinho, supostamente devido a pequenos furtos e insultos. Enquanto aumentava a violência entre as duas famílias e parentes, tomavam também parte pessoas influentes do município, o que pressionou o pai de Lampião a mudar-se duas vezes com a família, a última delas para Alagoas. Já então a raiva de seus filhos era grande e eles portanto se recusaram a deixar as coisas como estavam. Várias vezes retornaram aos seus velhos pastos para atacar os seus inimigos. Quando a notícia destes assaltos chegou ao lugarejo onde então morava a família de Lampião, o que logo sucedeu, a polícia imediatamente tentou prendê-los, desencadeando assim uma série de acontecimentos que resultou num assalto por Lampião e seus irmãos, juntamente com alguns outros, a uma povoação onde moravam várias pessoas importantes do município. Em represália, a polícia foi até à casa onde então morava a família de Lampião e, sem dar aviso e sem fazer perguntas, abriu fogo. O pai de Lampião — um homem pacífico e trabalhador que sem nenhum proveito havia tentado conter seus filhos — morreu no ataque, juntamente com um amigo da família. Eles eram os únicos que lá se encontravam; Lampião e seus irmãos não se achavam em casa na ocasião. Quando Lampião, que nesse tempo tinha 23 anos, soube que seu pai havia sido morto, jurou vingança e lutar contra a polícia até a morte.

Ficou assim fora da lei durante os próximos vinte e um anos numa carreira notável — às vezes quase inacreditável — na qual ganhou a reputação do bandido mais famoso, ou infame (se se preferir) do Brasil.

Realmente, muito antes de ele e vários dos seus seguidores, incluindo sua companheira de muito tempo, Maria Bo-

nita, serem capturados e metralhados pela polícia, naquele remoto arroio de montanha em Sergipe, no começo de uma manhã em 1938, Lampião já era um mito. (3)

A estória de Giuseppe Musolino (1876-1956), da província do sul da Itália chamada Calábria, é, em alguns aspectos, diferente. (4) É bem semelhante sob outros aspectos. Musolino cresceu nos anos de 1890, no alto das Montanhas Aspromonte, numa pequena cidade onde seu pai possuía uma modesta loja de vinhos. A lenda lembra-se dele como tendo se tornado bandido porque foi condenado por um pretense crime sobre falso-testemunho e subsequente tendo recebido uma longa sentença. Os fatos sobre o caso sugerem que ele era provavelmente inocente da acusação e que a sentença, de qualquer forma, era incomumente longa. O que a lenda esquece, entretanto, é, no mínimo, de alguma relevância. Já como adolescente, ele ganhara a reputação de lutador e brigão, e, aos vinte anos, começou a demonstrar uma acentuada tendência para a violência. Seu pai chegou até a rotulá-lo como sendo de "instintos perversos", isto porque o jovem Musolino o havia ameaçado com uma faca e um rifle. Musolino também tinha dificuldades com as mulheres, apesar de se considerar irresistível entre elas. Quando Rosália, de quem ele gostava, rejeitou os seus avanços, ele ameaçou de esfaqueá-la, e mais tarde atacou-a fisicamente e também a mãe dela. Alguns destes atos, juntamente com outros incidentes, resultaram em prisões, condenações, e penas de curta duração. O que é evidente é que Musolino esteve em dificuldades com a lei muito antes de a lei o ter supostamente maltratado. Há também forte evidência que sugere que ele tinha conexões com a *mala vita* (literalmente, má vida), as associações locais de jovens que, com o tempo transformaram-se na Mafia Calabresa — notória em anos recentes pelos roubos e seqüestros mais ousados da Itália.

O principal evento, que lançou o jovem desordeiro na

-
03. A literatura sobre Lampião, (cujo nome verdadeiro era Virgulino Ferreira da Silva), é volumosa e de qualidade variada. Para um estudo recente ver Chandler: **The Bandit King**.
04. A literatura sobre Musolino é de grande quantidade, quase toda publicada entre 1900-1910. Talvez o trabalho mais completo e mais fidedigno seja o de E. Morselli; e S. De Sana's: **Biografia de un Bandito: Giuseppe Musolino de fronte alla psichiatria ed alla sociologia**, (Milano, 1903), dois psiquiatras que, sob os auspícios do Estado fizeram um exame do bandido antes do seu julgamento. **Musolino. Il Processo** (Milano, 1902), uma transcrição do seu julgamento em Luca, em 1902, e publicado comercialmente, é um documento importante.

senda do crime foi, sem dúvida, a sua condenação, em 1898, por atirar num jovem com quem ele se envolvera numa intriga. Musolino, parece, era inocente da acusação (ele provavelmente foi vítima de uma tramóia), e, quando o juiz o condenou a 21 anos, 2 meses e 15 dias, ele irrompeu um acesso de raiva gritando que no fim a vingança seria sua. Assim, pois, como ocorrera com Lampião, uma pretensa injustiça tornou-se a justificativa para sua carreira criminoso. Enviado para uma cidade não muito distante do lado Adriático da Itália, a fim de cumprir a sua pena, ele logo liderou uma fuga da prisão, cavando um buraco numa parede externa e fugindo com uma escada feita de pedaços de ripas de cama e tiras de lençóis. Lançou-se então à *vendeta* e, iludindo até mesmo centenas de policiais e soldados enviados para capturá-lo, conseguiu matar sete dos seus inimigos e ferir vários outros antes de ser preso no outono de 1901. Alguns deles haviam pretensamente conspirado contra ele; outros meramente se meteram no seu caminho. Quando foi preso, Musolino havia se tornado o mais conhecido e o mais admirado criminoso da Itália em muitos anos chegando sua fama além da sua terra natal até outras partes da Europa e as comunidades em rápido desenvolvimento na América do Norte e do Sul. (5) Dificilmente poderia ter sido o contrário, haja vista a suposta injustiça, a ouzada fama, a vendeta sistemática, e a sua honestidade relativa e recusa em se dedicar ao banditismo comum, para não mencionar o seu caráter ardente, sua religiosidade, seus escritos poéticos e sua suposta atração pelas mulheres — que é a matéria com a qual se faz as lendas sobre os bandidos. (6) Seu fim foi prolongado e trágico. Foi finalmente condenado à prisão perpétua; depois de 10 anos de reclusão solitária, enlouqueceu, morrendo num asilo em Régio Calabria em 1956, com a idade de 80 anos. Nesses longos anos de loucura, ele se denominava o “Senhor do Universo” e estava sempre preocupado com os seus inimigos, dizendo que podia chamar mísseis para aniquilá-los. (7)

-
05. Um livro tratando particularmente de Musolino foi publicado em Nova York em 1907: Adolfo Rossi, *Da Triburzi a Musolino*.
 06. Uma excelente análise das lendas sobre criminosos pode ser vista em Kent L. Sackmeyer, “Robin Hood and the American Outlaw”, *Journal of American Folklore*, 79, n.º 312 (1966), pp. 348-355.
 07. A notícia da morte de Musolino foi anunciada pela *Voce di Calabria* (Reggio Calabria), 24-26 de Janeiro de 1956.

Mencionaremos rapidamente somente mais outra figura famosa: a de Jesse James, da América (1847-1882).

Jesse, na lenda, voltou do serviço militar sulista, durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), e encontrou a sua terra natal, Missouri, sob o odiado domínio do Norte vitorioso, e, amargurado ainda mais pelos ataques que eram dirigidos a ele e à sua família, tornou-se um bandido. Honesto, honrado e cavalheiresco — sempre tratava viúvas e órfãos bondosamente — dirigiu sua raiva contra os barões econômicos da época, roubando bancos e trens. Em contraste, os fatos sobre a vida de Jesse, na medida em que eles são conhecidos, sugerem uma história diferente. Sua carreira militar, se é que assim se pode chamá-la, constituía-se em fazer parte daquele bando de bandidos de fronteira encabeçados por “Bloody” Bill Anderson. Depois da guerra, apesar de se reconhecer que a vida era difícil para os simpatizantes sulistas de Missouri naqueles anos. Jesse poderia ter se acomodado a uma vida pacífica de fazendeiro, como a maioria da sua classe o fez, mas, em vez disto, voltou-se para o crime como um meio de vida. E tornou-se lenda também muito antes de ser alvejado nas costas por um companheiro, em 1882. (8)

* * *

Jesse, Musolino e Lampião foram quase contemporâneos e, apesar de cada um viver numa parte diferente do mundo, suas histórias são tanto semelhantes. Utilizaremos essas histórias para explorar os seguintes aspectos, mesmo sendo menos apaixonantes do que os abordados por Eric Hobsbawm: 1) Por que os homens se tornam bandidos?; e 2) Por que, e como, as suas histórias são transformadas em lendas?

Pobreza é a resposta comum à primeira pergunta, — isto é, as pessoas se tornam criminosas porque lhes são negadas as condições de vida. Parece haver pouca dúvida quanto à utilidade desta resposta para explicar as origens de alguns crimes. A incidência de crime aumenta assustadoramente, quando as pessoas encaram a morte, devido à fome, ou em certas situações desesperadas, como uma seca avassaladora, a quase desolação total ocasionada pela guerra, e

08. O estudo mais aprofundado sobre Jesse James é o de William A. Settle, Jr. *Jesse James Was His Name* (Columbia, Mo., 1966).

assim por diante. É evidente, porém, que a pobreza não é a única resposta à pergunta. (9)

Que a pobreza não é a resposta completa torna-se claro quando nos recordamos, por exemplo, que, dentre os miseráveis camponeses do sul da Itália, no século XIX, somente um pequeno número destes tornaram-se criminosos. Inúmeros italianos pobres escolheram um caminho alternativo para evitar a pobreza emigrando para os Estados Unidos, Brasil, Argentina e outros países, onde a vasta maioria tornou-se bons cidadãos.

De fato, as pessoas pobres, em sua maioria, chegam a ser tão honestas quanto, digamos, os membros da relativamente afluyente classe média. Vale também a pena lembrar que a pobreza em si é um termo relativo que nem sempre sugere extrema privação.

Muitos daqueles que roubam ou saqueiam podem agir assim não porque estão famintos — verdadeiramente necessitados — mas porque cobriam melhores coisas além do que os seus salários lhes permitem ter, ou porque querem viver sem se engajarem em trabalho honesto. Esta tendência de muitas pessoas de pensar que merecem coisas que não podem comprar, ou que não estão dispostas a trabalhar para consegui-las, pode explicar o crime mais convincentemente do que supomos. Enfatizo isto a fim de argumentar que a pobreza, como explicação principal para o crime, muito pouco elucidada especialmente quando a esta palavra são dados significados tão distantes como, nas nações mais pobres, 'morrer de fome' e, nas mais ricas, 'não ser capaz de comprar coisas luxuosas como automóveis e televisores'.

A pobreza serve assim como uma explicação valiosa somente quando ela significa privação das necessidades vitais, e então num sentido limitado, desde que, somente pequeno número dos verdadeiramente pobres se torna criminoso. Em nossos três casos, isso não se aplica absolutamente. O pai de Lempião era um dono de terras, apesar de não ser um latifundiário, e, como dono de um comboio de mulas, transportava mercadorias para áreas extensas da região. Na época de sua morte, ele havia praticamente falido, a ponto de arrendar suas terras, mas o seu declínio foi o resultado das encrencas dos seus filhos; a pobreza não era a causa dos seus

09. Dois livros recentes que questionam os pontos de vista dos sociólogos, no tocante ao crime, são o de Ernest van den Haag: **Punishing Criminals** (Nova York, 1975); e James Q. Wilson: **Thinking about Crime** (Nova York, 1975).

apuros. O pai de Musolino foi inicialmente um lenhador — produtos florestais eram a principal indústria dos Aspromonte — e depois um negociante, e Giuseppe se considerava um carpinteiro. Por isso, apesar de a família de Musolino ser de condições modestas, como era quase todo mundo na área, a privação econômica simplesmente não é relevante ao caso do jovem Musolino. A pobreza é até mesmo muito menos pertinente às origens criminosas de Jesse James. Seu pai era um pastor bem educado, um curador universitário; seu padrasto era médico e fazendeiro. Evidentemente, Jesse não vinha de uma classe empobrecida.

Se se pensar que estes exemplos são raras exceções — que escolhemos os nossos exemplos para provarmos o nosso ponto de vista — deve ser lembrado que a grande maioria dos que foram contemporâneos dos três, incluindo os pobres daquele tempo, viviam suas vidas dentro da lei a fim de não caírem em dificuldades. Não obstante, estes três resolveram não proceder assim. Por quê? Obviamente temos que procurar mais ainda por explicações sobre o que os levou ao crime.

Grande parte da resposta deve ser buscada nas condições daqueles momentos históricos, como o enfraquecimento da autoridade constituída, ocasionado pela ruptura da sociedade tradicional, no Nordeste, e pelas disrupções geradas pela guerra civil e suas conseqüências, nos Estados Unidos.

Mas havia também certas estruturas sociais informais e aspectos de moralidade popular — padrões tradicionais de comportamento — na época em que os três viveram, que contribuem para o entendimento das suas origens criminais. Apesar de não se defender aqui que eles sozinhos formam uma explicação abrangente para o comportamento criminoso, sugere-se que eram partes integrantes de um complexo de condições que favorecia tal comportamento.

Tomemos o conceito de 'vingança', por exemplo. A crença de que a justiça não pode ser feita através dos canais legais, mas deve ser executada em particular, ficou bem estabelecida na Itália e no Brasil, ambas culturas latinas, e não ficou ausente das regiões de fronteiras dos Estados Unidos, naqueles tempos. Sua ampla aceitação estava ligada à fraqueza da autoridade legal e ao fracasso desta, pelo menos em alguns casos, de administrar a justiça imparcialmente. Havia também uma atitude popular que sugeria que a maneira digna ou corajosa de infligir castigo por uma ofensa cometida contra si ou sua família, era não deixar que o Estado o fizesse mas que você mesmo o fizesse. Daí um sentimento exagerado de

virilidade ou bravura que favorecia o desempenho de atos criminosos. Musolino era chamado de "bandido de honra", e este era um distintivo que se podia usar orgulhosamente na sua sociedade.

Intimamente relacionado com o acima descrito, havia uma concepção primitiva que considerava a família como a única unidade social significativa, e aquela para a qual se devia lealdade absoluta. Tal coesão dentro da família favorece o desenvolvimento de inimizades entre famílias, e, ao oferecer uma base segura para praticantes potenciais de atos de vingança, encoraja a sua execução. (10) Os tempos de Lampião e Musolino estão repletos dessa condição enquanto que a devoção fanática e beligerante da mãe de Jesse para com os filhos sugere a mesma coisa.

Estes padrões de comportamento, pode-se argumentar, nascem naturalmente de sociedades nas quais eles florescem e são, assim, se não inevitáveis, pelo menos em certo sentido, moralmente justificáveis, já que desempenham uma medida de justiça pelo menos tão justa quanto a de um estado que também serve a interesses particulares. O argumento tem alguma validade. Mas é também verdade que eles geralmente persistem além das suas vidas naturais e ao sobreporem-se às estruturas de ordem legal retardam a implementação de conceitos de lei justamente administrados. Isto é verdadeiro, particularmente nas nações onde a culpa ou a inocência são decididas pelos jurados, que geralmente melhor refletiu a opinião popular do que os juízes.

Ainda assim, voltemos a um aspecto que abordamos anteriormente. Tais padrões de comportamento encorajam o mando de atos criminosos mas não os tornam inevitáveis. Mesmo com estas forças em jogo, a grande maioria das pes-

10. Uma apresentação particularmente convincente da importância do relacionamento da vingança e coesão familiar com a violência é a de Pasquale Secchi: **Per una sociologia del banditismo sardo** (Sassari, 1972) que enfoca a ilha italiana da Sardenha. Para um estudo de caso brasileiro, ver Billy Jaynes Chandler: **The Feitosas and the Ser. tão dos Inhamuns: The History of a Family and a Community in Northeast Brazil** (Gainesville, Fla. 1972), pp. 56-102 e passim. Alguns dos meus argumentos neste trabalho, aqui e a lures, têm associação aproximada com uma das explicações da ciência social sobre o crime (a de Edwin Sutherland). Ele expõe a opinião, conhecida como associação diferencial, de que o crime surge principalmente de uma associação íntima com criminosos e com padrões de comportamento favoráveis à prática de atos criminosos. Ver Souherland and Donald R. Cressey: **Criminology**, 8.^a ed. (Filadélfia, 1970), pp. 71-93.

soas permanece dentro da lei, até mesmo quando elas sofrem sérias dificuldades. Por que esta fúria, este intenso desejo de praticar a vingança, esta vontade de matar e, freqüentemente, matar novamente? Por que, quando Musolino fugiu da cadeia, não emigrou para a América, como tantos dos seus contemporâneos estavam fazendo, em vez de se engajar numa *vendeta* pela qual ele afirmava que tinha razão de matar não só os seus inimigos mas também qualquer um que tentasse impedi-lo de matá-los?

A resposta do senso comum diz que a criminalidade surge de uma descendência demoníaca que é inerente ao homem. Os cientistas sociais quase sempre desdenham tais respostas, classificando-as de teológicas, pré-científicas etc. É verdade que, ao dizer que o comportamento anti-social é causado pela perversidade humana, não a explicamos bem, mas pelo menos estamos identificando algo que a maioria da gente sabe que existe. A esse respeito, um estudioso contemporâneo da criminalidade acredita que existe uma personalidade criminosa. Durante anos de trabalho psiquiátrico com criminosos num hospital em Washington, D. C., Samuel Jochelson identificou certos traços mentais que criminosos contumazes possuem com freqüência, dentre estes, uma habilidade incomum para identificar e se aproveitar das fraquezas alheias, encarar a vida normal como maçante, e acreditar que, mesmo com os seus crimes — que eles admitem, pois sabem distinguir o certo do errado —, são pessoas boas. Jochelson admite que não sabe o que produz uma tal pessoa. Suas pesquisas não emprestam nenhum suporte aos cientistas sociais, pois ele afirma que tais criminosos vêm de grupos sociais — famílias e comunidades — nos quais a maioria dos seus membros vivem dentro das normas que as sociedades legais impõem. (11)

Talvez, a esse respeito, estejamos buscando muito profundamente uma resposta sobre por que as pessoas se tornam criminosas. Lampião, Musolino e Jesse James são exemplos que pesam. As origens criminosas de muitos outros não são. Muitos membros do bando do Lampião deram respostas diretas quando perguntados sobre o que os levava ao crime. Enquanto alguns aludiram a injustiças praticadas contra eles e suas famílias, outras respostas não eram desta natureza. Um havia seduzido a irmã e temia que seu pai o matasse quando

11. Stanton E. Samenow, "The Criminal Personality, New Concepts and New Procedures for Change", *The Humanist* (Sept.-Oct. 1978), pp. 16-19.

descobrisse. Outro havia cometido ato semelhante, mas, no seu caso, com a namorada do pai; enquanto outros admitiam livremente que o bando de Lampião significava liberdade do trabalho manual, mulheres, dinheiro e divertimento. (12)

Uma coisa que é sugerida por estas perguntas é o simples fato de que, uma vez que os grupos de bandidos se tornam razoavelmente bem organizados — especialmente quando a sua notoriedade se espalha —, o desejo de juntar-se a eles ou imitá-los atrai pessoas cujas motivações diferem acentuadamente das dos líderes iniciais ou membros dos bandos. Há razões de sobra para se acreditar que existe uma quantidade considerável de bandidos em potencial em qualquer sociedade e que eles, vendo outros tirarem lucro do crime e não serem descobertos, decidem tentar o mesmo. Deste modo, episódios de banditismo podem crescer e adquirir uma força quase auto-suficiente.

No final, então, que é que as vidas de Lampião, Musolino e Jesse James sugerem sobre as origens do banditismo? Pelo menos uma coisa: todos três, em fases críticas de suas vidas, enveredaram por estradas que levaram a carreiras criminosas, mesmo quando muitas outras pessoas, passando por dificuldades semelhantes, não seguiam os mesmos caminhos. As escolhas, portanto, foram feitas nem tanto pela sociedade mas por esses três indivíduos. Não há, penso eu, nenhuma outra conclusão lógica e qualquer teoria da criminalidade que enfatizar condições gerais à exclusão completa da motivação individual, ainda que mal compreendida, é, no mínimo, incompleta.

* * *

A segunda pergunta que fizemos — Por que e como as histórias de bandidos crescem e tornam-se lendas? — ainda está para ser respondida. As pessoas, aparentemente, são fascinadas por lúgubres narrativas de crimes, e, às vezes, depois que as histórias se propagam por uma, duas ou três gerações, as figuras comumente sórdidas dos criminosos transformam-se em figuras nobres e heróicas. As razões por que isto acontece podem não ser tão complicadas como alguns as pintam. É verdade, de qualquer forma, que nas sociedades pré-letradas ou semi-letradas, contar histórias é um passatempo popular e os temas comuns dizem como os não escolarizados burlam os escolarizados, os bobos fazem os sábios de to-

12. Chandler, *The Bandit King*, pp. 214-217.

los, os fracos sobrepujam os poderosos etc... É a já muito citada fábula da tartaruga e da lebre que tanto emociona as crianças e estas estórias são em geral engraçadas. Elas são também mais gratificantes se o oprimido é um tipo amável ou se pelo menos possui algumas qualidades admiráveis. Pode, assim, ser o desejo de inventar uma estória comovente que motiva o contador popular de estórias a refazer a imagem do bandido. Mostrando como ele realmente era, pode apelar para o fascínio pelo crime, mas torná-lo um herói como tal ofenderia a nossa sensibilidade moral. Por isso, para criar uma estória de maior apelo, o caráter do bandido tem que ser refeito.

É também verdade que as pessoas têm, historicamente, desgostado das autoridades. Este ponto de vista torna-se monumentalmente mais compreensível naquelas sociedades onde o poder legal foi exercido através de meios rigorosos. O certo é que, naturalmente, em muitas das sociedades onde floresce o banditismo, a justiça deixou de ser administrada honestamente. Por isso, não é de surpreender a popularidade das estórias de como homens humildes burlaram as autoridades. Ainda mais, há dentro de todos nós um pouco de inveja daqueles que possuem mais poder do que nós, ou mais riqueza, ou daqueles sobre quem a fortuna mais freqüentemente dispensa os seus favores. Por isso, usufruímos certo prazer das estórias de como os menos favorecidos entre nós se aproveitaram dos mais favorecidos.

Se juntarmos tudo isto — a predileção por estórias de apelo pitoresco, torcer pelo oprimido, aversão natural à autoridade, e inveja dos outros — talvez tenhamos, pelo menos, uma hipótese parcial e razoavelmente lógica sobre por que ladrões terríveis, na realidade, às vezes, se tornam heróis de lendas e por que estas estórias têm tanto apelo.

Há um outro assunto de importância crucial: o papel consciente que os próprios escritores exercem na criação das lendas. Na morte de Musolino, em 1956, um escritor de editoriais referiu-se a este papel. Há uma tendência — ele escreveu — de alguns escritores, em fantasiar os seus assuntos a fim de dar às suas estórias um tom que conquista o interesse dos leitores. (13) Isto é, sem dúvida, verdadeiro, e o desenvolvimento da lenda de Musolino serve como exemplo. Até durante a sua curta notoriedade como criminoso, compreendendo um período de quase três anos, centenas de milhares de palavras foram escritas sobre ele e disseminadas através da Itália pelos

13. *Voce di Calabria*, 26 de Janeiro de 1956.

jornais, revistas, panfletos e livros. (14) Ele era uma das figuras mais conhecidas da nação durante a época do seu julgamento. E o seu julgamento e condenação não puseram fim à torrente de palavras. O certo é que a imagem pública de Musolino foi criada com base mais naquilo que foi escrito sobre ele do que no que ele havia realmente feito.

A sua imagem foi envolta em heroísmo e mistério. Tomemos, por exemplo, a sua fuga da cadeia. Contava-se a estória de que ele havia arquitetado a fuga como resultado de um sonho no qual o seu santo padroeiro, San Giuseppe, lhe aparecia e lhe mostrava como sair. Um escritor habilidoso, aproveitando esta estória, escreveu sobre a "fuga milagrosa". O mesmo autor contou também como, em outra ocasião, Musolino havia escapado de uma armadilha preparada pelas autoridades de um modo que parecesse que "uma mão misteriosa guia os passos do bandido e salva-o das garras da polícia". (15) Estas são as palavras com as quais se fazem as lendas, particularmente quando são tidas na conta de verdadeiras e quando o público para quem foram escritas é supersticioso e semi-alfabetizado.

Literatura deste tipo, sobre Lampião e Jesse James, é também abundante. Até hoje, folhetos escritos em verso que celebram a vida e os amores do bandido são vendidos no Brasil por ambulantes nos dias de feira, do mesmo modo que o foram logo no começo da sua carreira de criminoso. Similarmente, uma literatura popular sobre Jesse começou a aparecer já em 1875, sete anos antes da sua morte, e, em anos subseqüentes, veio a florescer com a novela de dez centavos. Estes livrinhos astutamente escritos e habilidosamente promovidos atraíam a sede do povo por estórias de aventura e heroísmo. (16) Mais do que qualquer outra coisa, formavam a imagem pública de Jesse, e, não surpreendentemente, era uma imagem que a história mal podia reconhecer. O proces-

14. Quem logo notou isto foi Angelo Bertolini: "Litteratura brigantesca", *La Vira Internazionale* (20 de Março de 1901), pp. 192-194.

15. Amerigo Vespucci: *Giuseppe Musolino, il bandito calabrese* (Nápoles, 1932), pp. 10-11, 14. A primeira edição desse livro foi publicada em 1900.

16. Settle: *Jesse James Was His Name*, pp. 180-201; James A. Inciardi, et. al.: *Historical Approaches to Crime* (Beverly Hills, Cal., 1977), pp. 59-89. Apesar de não tratar de Jesse James, uma valiosa contribuição ao estudo do desenvolvimento de lendas sobre criminosos nos Estados Unidos é o trabalho de Kent L. Sackmeyer: *The Western Hero in History and Legend* (Norman, Okla., 1965), especialmente a parte que trata de Billy the Kid, pp. 57-102, e a conclusão, pp. 241-252.

so de transformação de criminosos em heróis, deste modo, pode não ser tão carregado de significação quanto Hobsbawm e outros afirmam. Muito deste processo reflete somente o desejo dos contadores de estórias em alimentar a fome popular por emoções vicárias.

* * *

Tudo isto tem uma significação prática?

Há algum valor em se estudar bandidos e pesquisar as origens dos mitos sobre eles, além de um mero jogo intelectual? Sim, acho que sim, pois as nossas atitudes com relação a criminosos ajudam a determinar como nós lidamos com eles. Se acreditarmos, como o faz Hobsbawm, que muito do banditismo passado era rebelião política inconsciente contra a injustiça, teremos então que encarar estes com uma atitude simpática. Mais do que isso, tenderemos a transformá-los em heróis. Se aceitarmos o ponto de vista mais prevalente exposto pela maioria dos cientistas sociais de que a pobreza sempre foi a raiz principal da criminalidade, então nossos instintos nos dizem que a maior parte dos criminosos são pessoas pobres que não podem se ajudar a si mesmas.

Estas idéias não são aplicadas somente a criminosos pitorescos dos séculos passados. Elas aparecem com a mesma freqüência em discussões sobre o crime nos Estados Unidos de hoje. Pequenos furtos, roubo a mão armada, pilhagens, estupro e homicídio são todos escusados ou "compreendidos" através dos mesmos motivos, quando os seus praticantes são identificados como "pobres" ou pertencendo a um grupo étnico ou racial oficialmente designado como oprimido. Sugiro que a condição, que prevalece nos Estados Unidos de hoje, na qual esses criminosos que são capturados (a maioria não o é) raramente recebem castigo igual à gravidade das suas ofensas, é em grande parte o resultado das falsas interpretações sobre criminosos semelhantes àquelas abordadas aqui.

Não obstante, não é a intenção deste trabalho sugerir respostas definitivas sobre o que causa o crime, nem tampouco no tocante à pergunta conexas sobre como o crime pode ser eliminado. Sugiro simplesmente que abordagens simplistas como as que relacionam o crime à pobreza são freqüentemente enganosas. Tem sido experiência nos Estados Unidos em décadas recentes que enquanto o padrão de vida entre os "pobres" tem subido assim também cresce o crime entre eles. E o crime neste país não está, de modo algum, restrito "ao pobre".

O exemplo dos Estados Unidos pode ser instrutivo àquelas nações em rápido desenvolvimento que também desejam manter ou construir sociedades livres e relativamente abertas. (Obviamente o crime em sociedades totalitárias ou severamente regulamentadas é normalmente muito mais facilmente controlado).

Nos Estados Unidos, extrema privação — pobreza opressiva — como ainda existe em muitas outras partes do mundo, não existe em grau significativo. Nossos "pobres" recebem salários (do trabalho ou do sistema de bem-estar social ou de ambos) que os colocam entre os povos mais privilegiados do globo. A pobreza nos Estados Unidos geralmente significa privação relativa, que alguns têm menos do que outros. Se isto produz crime, como parece, qual é a resposta? É uma qualidade sufocante imposta por um estado todo-poderoso na qual o preguiçoso tem tanto quanto o industrial (se é que ainda há algum)? Tal solução, independentemente do que se pensar sobre ela, ofende o sentimento de justiça da maioria dos norte-americanos.

Ao final, depois de decorridos uns bons cem anos de estudos intensos e de especulações por sociólogos e criminologistas sobre o assunto — que variam desde Cesare Lombroso, dentre outros, até às populares teorias marxistas da atualidade — ficamos sem nenhuma resposta completa sobre o que causa o crime e como pode ser evitado. Isto, pressinto, é em si mesmo uma lição significativa. Se tivermos aprendido alguma coisa da experiência com a engenharia social do século XX, é que muitos dos problemas da sociedade desafiam soluções definitivas, porque, por falta de uma melhor maneira de se dizer, estes problemas estão enraizados na condição humana. A abordagem mais realista e, portanto, mais prática para se lidar com o crime deve ser admitir que, de uma forma ou de outra, ele estará sempre conosco; e a maneira mais segura de evitar que ele ponha em perigo a estabilidade de nossas sociedades é lutar para garantir que aqueles que o praticam sejam capturados, aplicando-se-lhes uma retribuição honestamente calculada. Pelo menos, até que compreendamos o assunto muito melhor do que agora, talvez este seja o único caminho que as sociedades livres tenham para lidar com o que quer que seja que transforme alguns da nossa espécie em criminosos.

Traduzido por Agamenon Bezerra